

PRINCÍPIO DE NIRVANA E APTIDÃO À LINGUAGEM

THE NIRVANA PRINCIPLE AND APTITUDE FOR LANGUAGE

EL PRINCIPIO DEL NIRVANA Y LA APTITUD PARA EL LENGUAJE

Daniel Delouya¹

Resumo: O trabalho sustenta, a partir do livro de 1920 *Além do princípio do prazer* e o artigo de 1924 *O problema econômico do masoquismo*, a hipótese de que o nirvana abriga uma aptidão à linguagem, essa que intervém para engendrar a pulsão, o prazer e o mundo psíquico. O autor tece, também, baseando-se no mito freudiano sobre a origem do homem nos livros de 1913, *Totem e tabu*, e de 1921, *Psicologia das massas e análise do eu*, uma hipótese sobre a origem do nirvana e sua aptidão à linguagem. Na parte final do trabalho há algumas considerações sobre o destino da linguagem na cultura atual.

Palavras-chave: Princípio de nirvana. Aptidão à linguagem. Binômio pulsional. Servidão enamorada.

Abstract: Based on the 1920 book Beyond the pleasure principle and the 1924 article The economic problem of masochism, the work supports the hypothesis that nirvana harbors an aptitude for language, which intervenes to engender the drive, pleasure and the psychic world. Based on the Freudian myth about the origin of man in the 1913 book Totem and taboo and the 1921 book Psychology of the masses and analysis of the self, the author also hypothesizes about the origin of nirvana and its aptitude for language. The paper's final part contains some considerations on the fate of language in today's culture.

Keywords: The principle of nirvana. Aptitude for language. Drive binomial. Servitude in love.

Resumen: Basándose en el libro de 1920 Más allá del principio del placer y en el artículo de 1924 El problema económico del masoquismo, este trabajo sostiene la hipótesis de que el nirvana alberga una aptitud para el lenguaje, que interviene para engendrar la pulsión, el placer y el mundo psíquico. Basándose en el mito freudiano del origen del hombre en el libro Tótem y tabú de 1913 y en el libro Psicología de las masas y análisis del yo de 1921, el autor también formula hipótesis sobre el origen del nirvana y su aptitud para el lenguaje. En la parte final de la obra se hacen algunas consideraciones sobre el destino del lenguaje en la cultura actual.

Palabras clave: Principio del nirvana. Aptitud para el lenguaje. Binomio pulsional. Servidumbre en el amor.

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: danieldelouya@gmail.com

O artigo de Freud de 1924 sobre o masoquismo efetua um passo inusitado em relação à linguagem na psicanálise, embora não mencione a linguagem. Contudo, Freud se reporta à palavra, ou melhor, à sua imagem acústica enquanto registro mnêmico. Não obstante, o lugar desta imagem em relação à linguagem se efetua em um contexto bem maior e já no início desse ensaio, ao se referir ao livro *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2010a), de 1920, onde introduz o conceito da pulsão de morte. A pulsão de morte está nas filigranas de tudo que diz respeito ao negativo, ou à oposição na obra de Freud, e desde seus inícios. A pulsão, assim denominada, comparece em Freud, inicialmente, em relação à vida, ao sexual. O que denominamos de sexual, aquilo que embrenha os nossos afetos, pensamentos e ações, e que resulta na constituição da dimensão cultural enquanto área compartilhada entre sujeitos no amor, sexo, violência, religião, política, literatura, arte, tecnologias de bem e mal-estares etc., é consequência de um *desvio* originário das necessidades, das exigências vitais, empreendido pela linguagem em meio aos cuidados prestados pelos adultos ao recém-chegado ao mundo. Um desvio tributário do nascimento da pulsão. A pulsão é fonte inexaurível de engendramento indeterminável, uma *excitação* cujos pontos de chegada são imprevisíveis, dando o ensejo às noções imaginativas que temos da vida enquanto tal. Não obstante, Freud (2010c) alega que *as pulsões são guiadas em seus roteiros e destinos pelas finalidades das metas da autoconservação; a satisfação delas*. Significa, em termos da segunda tópica, que, ao se desviar, a pulsão é comandada, ao mesmo tempo e secretamente, a voltar, no sentido contrário, aos seus pontos de partida, a um “si”, à morte de si mesma. Eis por que Freud afirma que os destinos da pulsão – inibição de seus fins, o retorno sobre si, a reversão no contrário, as formações reativas, as identificações, o recalçamento, a sublimação etc. – são *defesas* em relação ao desvio em direção à vida que ela sofre pelo outro, pela cultura. A pulsão, por fim, submete-se, então, à morte, ou é, afinal, de morte, porém nossa ênfase seria sobre o intervalo, sobre a vida; ou seja, o potencial pulsional de engendrar indeterminadas formas, objetos e modalidades psíquicas. E, ao mesmo tempo, a morte se inscreve, também, na novidade pulsional constituindo a vida psíquica.

É a imposição da morte sobre a irrupção pulsional que permite inscrever e precipitar – gerar diferenças – as redes mnêmicas, as referências autoeróticas, as identificações, os afetos, e outras aquisições psíquicas. Essa encapsulação ou retenção de potencial de vida pela morte possibilita a história, a memória em constante transformação (GRAEBER; WENGROW, 2018).² Eis por que, para fins de ilustração, cada recalçado é assentado sobre uma calda pulsional que o habilita a se associar a outros recalçados, aumentando a rede mnêmica que a subtende ou a retornar à consciência pelas deformações sucessivas em sintomas, ou então a emergir no sujeito como admissão afetiva.

Já na segunda página de seu *Projeto de uma psicologia* (1995), Freud estava próximo de enunciar o nome de pulsão de morte, embora não tenha podido fazê-lo. Refiro-me ao parágrafo em que estabelece dois princípios que governam a vida psíquica: o primeiro, o da *excitação*, devido a um estímulo oriundo seja do exterior, seja do interior, efetuando, pelo aparato muscular, uma descarga que visa à satisfação; o segundo, o do princípio da *fuga* e de retraimento dos estímulos dolorosos. Ambos se mesclam um no outro, juntando-se ao mesmo fim, e configuram as futuras pulsões de vida e de morte, respectivamente.

No ensaio de 1920, Freud reverte as perspectivas que tínhamos até então: o princípio de prazer *não* se encontra desde o início, há um outro arranjo que o antecede e o condiciona. Freud situa este último na ordem da repetição, e compulsiva, em função da dor e de experiências dolorosas. A repetição ocorre porque as excitações não têm êxito na satisfação, elas são barradas pela fuga da dor, pela pulsão de morte, mas insistem em retornar compulsivamente.

² Seria interessante a esse respeito visitar essa obra, escrita por um antropólogo e um arqueólogo, em que eles mostram que as tribos originárias constituíam sociedades igualitárias, desprendidas de domínio e de posse, com ajuda mútua, liberdade de gênero e gozo compartilhado dos bens.

A repetição tem em seu bojo a excitação com sede de vida, e insiste, quando um ingrediente essencial falta ou é insuficiente para que as excitações encontrem um destino na realização, no advento de prazer. Esse ingrediente vem de fora e o denominamos de *linguagem*. Nos três terrenos nos quais Freud explora essa repetição – as neuroses traumáticas de guerra, o brincar das crianças pequenas e a atuação no cenário analítico –, apenas no segundo a dor encontra êxito no prazer, enquanto no terceiro obtém-se uma espécie de gozo no impasse, na dor de repetir. É possível vislumbrar o masoquismo do eu nos três, embora a criança se torne capaz de transformá-lo pela linguagem, simbolizando a falta, e dominá-la por um tempo, tendo um ganho de prazer.

Não vou desenvolver, nesse momento, a carência da linguagem nos terrenos que Freud elege para apontá-la em 1920. Vou passar para o ensaio de 1924 onde Freud, depois de assinalar, surpreso, as tendências masoquistas na vida pulsional, parte, para decifrar tal enigma, para os princípios que governam a vida psíquica. O que ocupa Freud nesse momento não é apenas a economia desses princípios, mas também as qualidades acopladas às suas quantidades e tensões, uma vez que Freud nota que existem excitações prazerosas assim como distensões de desprazer, de modo que o prazer não se relaciona apenas com a descarga, nem o desprazer com a excitação.

No trabalho *O princípio econômico do masoquismo*, Freud evoca “o princípio que rege todos os processos psíquicos como um caso especial da *tendência à estabilidade*” de Fechner, mas prefere adotar a formulação de Barbara Low em torno do *princípio de nirvana*, já que a estabilidade se deve “à intenção de reduzir a nada a quantidade da excitação” (FREUD, 2011b, p. 185), desde que se conserve ainda uma vida. É preciso, aqui, frisar o ganho desta nova adoção freudiana, pois *o nirvana é uma estase de um gozo de quietude* que só a posteriori revela seu arranjo dinâmico e econômico. Em outras palavras, o nirvana abriga *um topos*, um espaço e uma descrição de uma qualidade vivencial. Freud elenca, então, o nirvana como o ponto de origem da vida: “devemos reparar que o princípio de nirvana, que pertence à pulsão de morte, experimentou no ser vivo uma modificação que o fez tornar-se princípio de prazer” (FREUD, 2011b, p. 187). Se juntamos o que foi dito em relação ao livro de 1920, de que o princípio de prazer se origina de fora, pela linguagem, no artigo de 1924, a aptidão à linguagem encontra-se embutida no nirvana, no gozo da quietude; gozo que é governado e exprime, como afirma Freud, a pulsão de morte. O nirvana, como estado inicial, configura uma estase pré-pulsional que somente com a irrupção das exigências vitais revela uma estrutura dinâmica e econômica que a subtende, isto é, o masoquismo primário, erógeno. Sigo fornecendo um contexto maior para esse quadro, já que nessas definições preliminares devemos integrar concepções ou achados psicanalíticos oriundos de dois estágios na obra de Freud, a primeira e a segunda tópica, ainda que a segunda possa ser sustentada independentemente da primeira.

Se o vivente, organismo biológico de um mamífero, é despertado de início por organizações pré-formadas, instintos, para atingir metas fixas, isto é, satisfazer positiva e negativamente a necessidades e precauções (evitar perigos à vida), respectivamente, o choro poderia ser um meio instintivo de sinalização a quem estaria pronto biologicamente a amamentá-lo, aquecê-lo e protegê-lo.

O choro, sim, mas o que diríamos do grito? O grito é dor, agonia, angústia, todas vinculadas diretamente à linguagem que está prestes a efetuar um desvio em meio à satisfação das necessidades, afastando e aliviando os perigos e incômodos dos estímulos internos e externos. Freud, baseando-se nas *expressões das emoções* (Darwin) do rosto do bebê que grita, supõe, já no *Projeto para uma psicologia científica* (1995), que o bebê se encontra *alterado*, pois identifica uma hostilidade do mundo em consequência dos ataques das exigências vitais. Freud diria que a dor vira, por uma identificação projetiva, o predicado do objeto enquanto maldade e hostilidade. Ou seja, uma contrariedade pelo fato de o bebê ser arrancado, pelos estímulos internos e externos, de uma paz, de um gozo de quietude.

Somente em 1924 Freud estará munido de subsídios clínico-teóricos para dar conta dessa trama, estendendo suas elaborações nos livros de 1926 e 1939, respectivamente – *Inibição, sintoma e angústia* (FREUD, 2014) e *Compêndio de psicanálise* (FREUD, 2018). Pressupõe-se uma reserva mítica de gozo de quietude, nirvana, um estado acordado consciente, pré-consciente e inconsciente (FREUD, 2018). Arrancado desse estado e espaço de gozo, pelas necessidades vitais, pela exposição à dor que causam, essas exigências surgem como ameaças hipocondríacas, desespero oriundo de um despertar do tempo, angústia persecutória, mas que é também agonia depressiva (perda de espaço). Ocorre uma transformação de um estado atemporal que é, ao mesmo tempo, uma estase econômica parada, em que a agressão das necessidades vitais revela, *après-coup*, por meio da interrupção do nirvana, uma estrutura pré-pulsional com economia bastante peculiar: duas tendências dinâmicas opostas, de irrupção eferente (vida) e de retração aferente (morte), uma segurando a outra, uma se amalgamando à outra, mas com uma disjunção leve, basal, entre as duas.

Essa disjunção se deve à predominância da retração da pulsão de morte, e com isso ela dota o estado de gozo de quietude, nirvana, de passividade, de receptividade. Esse ponto de partida evoca, de um lado, o recinto de criatividade em Balint, mas sobretudo o estado de não integração, de amorfia, de Winnicott, como potencialidade criativa, dependendo de um ambiente que a verteria seja para a desintegração, seja para a integração. O gozo da quietude, com sua disjunção basal, é uma disposição receptiva aos efeitos da linguagem para a geração da pulsão e seus sucedâneos. Para Freud, a disjunção basal é também a fonte do masoquismo erótico, da ambivalência e da bissexualidade originárias, todas potencializadas pela linguagem para destinos indefinidos previamente, cujas possibilidades de formação são inesgotáveis. Por que esse estado e essa economia se dispõem à linguagem, e o que seria a linguagem?

Antes de arriscar responder a essas questões, vale resumir o saldo dessa breve exposição em que o estado de desamparo é consequência da deturpação do estado primordial de gozo de quietude, um existindo em dependência do outro, um tendo o outro como premissa em face das exigências vitais. Volto, agora, ao desafio da questão da linguagem. Ela me parece ancorada na sedução, no convite inconsciente do adulto, de seu recalçado. Seduzir é excitar, despertar, espicaçar, introduzindo, terna e delicadamente, um ruído, um certo desequilíbrio econômico na disposição receptiva do gozo de quietude que se mantém graças a uma disjunção basal de tendências opostas. Esse ruído precisa logo, e *apenas em parte*, ser contrabalançado por uma contenção, nesse caso, por uma tradução linguageira, não necessariamente em palavras, mas de imagens de movimento.

Nesse caso, a contenção de um ruído significa uma assimilação de forma, uma transformação, em consonância com a excitação e a contenção das duas tendências opostas abrigadas nessa mônada de nirvana. Se a linguagem é ritmo de voz e de gestos, de corpo e seus fonemas, ela é, ao mesmo tempo, um desencadeamento infinito de significantes com a promessa de se alojar temporária e randomicamente em estações de sentidos e significações. Essa obra de construção de corpo e do tempo, *psique*, deve-se então à sedução embutida na ternura que a linguagem proporciona.

Embora eu admire o modo com o qual Laplanche fez trabalhar Freud, resgatando a sedução originária e sua tradução, prefiro dispensar a sedução e a tradução, juntando-as com Freud e incluindo-as no amor dos pais, como ação psíquica da linguagem que instaura o sujeito: o bebê remete o adulto ao bebê que ele próprio foi outrora aos olhos dos próprios pais, como promessa de gozo infinito e indefinido, sem as aquisições culturais, ou seja, desvestido de sua história ulterior de traumas, impasses, frustrações e decepções. Nesse sentido, o amor, parafraseando Lacan, é dar aquilo que você não tem e que jamais obterá, mas que você transmite, projeta no bebê, cuida, ou seja, autosseduzindo-se pela sua cria e a seduzindo como esperança de que ela seja mais bem-sucedida em lidar com os impedimentos que a aguardam na travessia da vida.

Para tanto, há um cuidar, um investimento como complemento libidinal da autoconservação, e um investimento que lança o bebê, seduzindo-o para a vida, instaurando, assim, a partição entre a libido do eu nascente e a libido objetal. O amor aqui, como um dar aquilo que não se tem, autotransforma a estrutura da linguagem, que é proporcionada ao bebê. A excitação nessa sedução, aliando-se à moção eferente do binômio pré-pulsional, transforma o gozo de quietude em prazer, novidade trazida pela linguagem, em vez do alívio da satisfação das exigências vitais. O nascimento da pulsão leva de uma excitação a outra.

A pulsão, portanto, não se pode satisfazer, a não ser por uma *realização* alucinatória tomando como substrato as vias das traduções que lhe são propostas. Em *Projeto de uma psicologia*, Freud afirma que o adulto fornece, junto à satisfação das necessidades fisiológicas, imagens de movimento, notícias de “si” ao bebê, quando este se encontra em desamparo. Essa oferta segue a um acolhimento de seu desamparo segundo um valor de compaixão. Porém, a introdução de imagens de movimento, de linguagem, encontra-se no valor de condução, uma espécie de convite, sedução para a vida. A nomeação pelo adulto empenha o *Darstellbarkeit*³, cuja tradução seria a figurabilidade (casal Bottela), a presentificação (Laplanche) ou as condições de representabilidade (Strachey). Trata-se de uma *transformação* da ira alucinatória diante de uma suposta (projetiva) hostilidade do objeto em um subsídio de tempo, uma vez que a alucinação tomaria partido dessa provisão imaginativa como apropriação de uma espera e esperança, à qual sucede a possibilidade de pensar diante de uma falta (o pensamento, afirma Freud, é um *Ersatz*, um sucedâneo da alucinação) como morada entre os outros. Isso porque o adulto recruta tanto a sua compaixão como os meios de condução, pela via regressiva, pela sua *rêverie*, da criança que ele foi outrora junto a seu meio humano. Essa comunicação entre a criança no adulto e sua cria é tributária do laço social, comunitário. Freud a designa como a passagem de uma hostilidade para a amizade, efetuada pelo adulto próximo, o *Nebenmensch* (FREUD, 1995). Existe, portanto, no cerne da reação do bebê às excitações originárias, uma capacitação alucinatória, uma propensão universal à alucinação (*a universal liability to hallucination*, segundo WINNICOTT, 1975, p. 215). A alucinação visa a um retorno ao estado de nirvana, à paz, mas já com o ganho dos aportes da linguagem provida pelo adulto. É, portanto, a linguagem vinda de fora, da psique do adulto, que cria a pulsão e o corpo e seus derivados.

As traduções, exercidas pelo objeto, valem-se de duas fontes complementares: uma diz respeito às coordenadas herdadas da história que instaurou o ser humano pelo assassinato do pai e que gerou o molde da identificação primária com o pai e suas decorrentes estruturas polarizadas das fantasias de origem (adulto/criança, cena primária e diferença dos sexos, as três aspirando à volta ao gozo da quietude do mítico útero materno). Essa fonte é instintual, herdada.⁴ A outra é oriunda de sua transmissão simbólica viva que constitui o acervo inesgotável à disposição do adulto para a tradução que, na cultura, tem um desenvolvimento próprio: por exemplo, os gêneros, a proibição do incesto, as molas do Édipo e suas variadas espécies de símbolos etc. Nesse deslize entre instinto e o substrato pulsional, oriundo do nirvana, podemos arriscar com a hipótese de que essa reserva de gozo de quietude, enquanto aptidão à linguagem, criou-se, na história da humanidade, pela segunda comunidade dos irmãos no mito do assassinato do pai da horda (após sua morte), esta que é imersa, pela criação da falta, na saudade, no luto, pela palavra, poética, e no ímpeto de invenção da vida sob a lei para a troca, o brincar e o prazer – Freud, *Totem e tabu*, de 1913 (2010d) e *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921 (2011c).

Se, de um lado, temos as organizações instintivas da autopreservação com suas molas de satisfação das necessidades, e, de outro, os alertas de dor e de fuga de estímulos, estes se avizinham ou são encobertos de uma reserva de energia parada, de gozo de quietude, prova-

³ Essa é a terceira sessão do trabalho de sonho, tal como Freud o elabora em 1900, em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 2019).

⁴ Ver a esse respeito *O homem dos lobos* (FREUD, 2010a).

velmente formada na longa história da espécie humana, que revela, pela incitação do estrago sossego (FREUD, 2011a), do fragor da vida, ser um binômio de disjunção pré-pulsional basal de duas tendências opostas configurando o masoquismo primário que Freud preconiza como constitucional (FREUD, 2011a).

No início, a forte mobilização pelas exigências vitais gera desamparo, como defesa desse abalo. Essa incitação, porém, em virtude da conexão do centro motor no cérebro aos veios acústicos do centro da linguagem (FREUD, 1987), propicia a receptividade da linguagem no interior da fresta criada pela disjunção do arranjo pré-pulsional. Entre o espernear do corpo da criança e seu grito e o corpo e a voz do adulto, integra-se concomitantemente, no intervalo do aumento da disjunção, uma excitação, *pulsão*, e sua parcial ligação, modulação em formas, tradução, em imagem de movimento cujo saldo econômico e saldo vivencial seriam o prazer. O grito se mune, pela escuta do adulto e sua linguagem, de uma apropriação linguageira, de um corpo, daí a precipitação mnêmica da imagem acústica, singular, que o bebê adquire, em sofrimento, para curar o desespero de seu organismo em pane diante das excitações. A liberação da excitação impele, através da tradução, à realização sob a modalidade de figuração alucinatoria, fonte do imaginário, propício a criar imagens e fantasias como condição de representação. Essa é provida, entre as coordenadas instintivas herdadas da história da espécie, como receptáculo vazio ao amor, e a tradução pelo adulto, enquanto portador da voz da cultura.

O ingrediente performativo das fissuras do bebê é, de um lado, o representante psíquico da pulsão aberto à linguagem, à tradução, e, de outro, a contínua excitação. Se o amor do adulto é infiltrado de carências significativas próprias, embrenhadas de paixões (Ferenczi), a abertura à linguagem será comprometida, resultando numa pobre provisão, ou seja, aumentando o desespero do bebê, sendo convocada uma defesa ante a disjunção progressiva, incitada pelas exigências vitais, pela contenção automática, isto é, pela moção retrativa, que desembocaria, então, numa compulsão à repetição entre necessidade desesperançosa e defesa.

Ao tornar explícita a pressuposição do desamparo e da hostilidade primária à vida numa reserva primária de gozo de quietude, Freud delinea assim uma aptidão ao amor, uma receptividade e abertura à linguagem. Não é por acaso que, já no caso Elizabeth, Freud intuía que a origem dos afetos e da linguagem se encontra numa só fonte, que seria, com apoio de Darwin, a dependência da ação, provisão e interpretação do outro. Por outro lado, Melanie Klein, em suas formulações tardias, postulava uma variedade constitucional da aptidão ao amor (*capacity for love*), ou seja, a tolerância à inveja primária. A reserva de gozo da quietude não é outra coisa senão essa aptidão ao amor.

Foi Melanie Klein quem, aliás, apostava, mais do que outros, que o cuidado amoroso e sobretudo o autêntico prazer (*enjoyment*) da mãe, e depois do analista, são capazes de reverter parte dessa desconfiança, dessa falha amorosa na constituição do bebê. O trabalho efetuado entre essa reserva de gozo de quietude de origem e a linguagem, que tem como efeito a geração da pulsão e da memória, garante uma indefinida e infinita cadeia de espécies psíquicas como repertório do engendramento do sujeito.

Se o masoquismo primário é um estado de receptividade em função de uma tendência de excitação e outra oposta, de retraimento, com o predomínio da última, o objeto toma partido da excitação para seduzir e da moção contrária para conter e traduzir, transformando a perda do gozo da quietude em prazer, em função da progressiva apropriação das pulsões de vida, das referências eróticas e de seu registro mnêmico. Tudo isso ocorre, inicialmente, em um estado de passividade e de indiferenciação dos corpos por parte do bebê, até uma aquisição suficiente que permite um vislumbre da separação dos corpos. Nesse momento, a lógica do masoquismo erógeno se transforma numa outra, de masoquismo feminino, na percepção da sujeição da criança ao adulto, onde vigoram os ditames do mestre e seu discurso como condição de amor concedido à ampliação da sexualidade infantil, perversa polimorfa. Como indica Freud no livro de 1926, a aparente cesura do ato de nascimento, isto é, do gozo

da quietude mítica e uterina, é compensada pela transformação desse gozo em morada de interesse e prazer junto aos outros. Nesse sentido, essa substituição prefigura um corte e uma continuidade com a vida uterina. Não obstante, no livro de 1926, Freud aponta como essa passagem do masoquismo originário para o masoquismo feminino, sob o comando do adulto e sua linguagem, é atravessada também por uma conversão do teor da angústia. A angústia automática, de desamparo, de cunho de uma agonia hipocondríaca, é convertida, inicialmente, após a provisão materna, em angústia de separação, angústia de saudades das provisões prazerosas da mãe, e prosseguindo com a diferenciação maior, há o vislumbre do terceiro, o que desperta a angústia da perda de amor. Essa entrada no roteiro edípico converteria essa angústia em angústia de castração. Esses três estágios abarcam a transição do masoquismo erógeno para o feminino. A castração põe o sujeito às portas da latência onde assistiremos a uma transformação radical, pois as garantias amorosas já não se encontram em casa, mas nos ideais sociais que marcariam a inserção no grupo. Daí em diante é o advento sucessivo das angústias sociais e do supereu que se colocariam em voga. A expressão dos laços sociais se configuraria nos elos da homossexualidade sublimada. Nesse momento ocorre a entrada no masoquismo moral, porém, os alcances desse são maiores.

Seria preciso retomar um longo caminho para discorrer sobre a evolução desse diálogo entre a reserva primária, o desamparo e a linguagem para mostrar seus liames com a criação do laço social (amor, ciúme e identificação). Na medida em que se adentra a cultura, essa revela uma exigência crescente para a adaptação a seus ditames cujo horizonte perdemos de vista. Isso significa uma contenção da descarga em prol da sublimação e da identificação que requerem uma suspensão da descarga, acúmulo de tensão e disjunção progressiva do amalgamado pulsional que se teceu junto ao trabalho do objeto em torno do masoquismo primário e seu binômio pulsional (FREUD, 2011b). O sujeito se sente incapaz de atender aos ideais e, portanto, encontra-se diante da perda da morada junto aos outros. Ele desenvolve uma culpa inconsciente em relação aos ideais, um mal-estar que se traduz como doença ou como *burnout*. É uma forma de desespero por meio da qual assinala um retorno ao desamparo de origem, acometido das piores angústias, a do destino (“o que será comigo?”). A linguagem, nesse momento, declara-se falida. O amor na amizade, sexual e conjugal, assim como a arte, a literatura, o esporte, o turismo etc. são saídas que podem estender os laços comunitários outrora estabelecidos junto aos objetos da infância. Entretanto, o alcance destes é limitado, já que os ditames da cultura se referem à sobrevivência, sobretudo econômica. Nesse caso, a vulnerabilidade aumenta em face às exigências adaptativas em função da disjunção pulsional e o dismantelamento do tecido psíquico que se criou a partir dele. A cultura oferece, então, compensações que estão no nível do gozo, uma espécie de gambiarra para rejunta o que ficou disjuntado e ameaça a cultura de uma agressão que até então procurava conter no sujeito. Ela oferece práticas de escoamento no gozo, de um lado, e, de outro, a recorrência – em face da eclosão do pânico, do desamparo e de medos do destino e suas angústias hipocondríacas de origem, desencadeados pela disjunção do binômio pulsional – às religiões laicas e outras, desde as modas e as terapias médicas e psicológicas de correção até a adesão às propostas políticas fanáticas, todas vislumbrando a salvação diante da insuficiência do laço social em conter o excesso da demanda dos ideais. Ideais que visavam conduzir o grupo humano ante o desconhecido.

O luto exigido pela perda ilusória do poder absoluto deveria abdicar, na cultura, da satisfação libidinal plena junto aos outros, assim como do domínio pleno da natureza e de nossa vulnerabilidade corpórea para encontrar na tensão entre o almejado gozo e o desconhecido o impulso criador da linguagem e do amor que a move. Não obstante, são os ideais insaciáveis que vêm recusando a castração, empenhando-se em projetos megalomaniacos de domínio de tudo para cumprir as metas da autoconservação e, portanto, da pulsão de morte.

A esse respeito interessa-nos o móvel psíquico do ideário digital. O que questionamos são as bases e fundamentos psíquicos dessa embriaguez hipnótica que as redes nos propor-

cionam, uma espécie de narcotização similar àquela que embrenha as vivências das crianças nos passeios pela Disneylândia e suas maravilhas, em filmes ou em terra.

Eu me refiro à dita navegação que outras línguas designam, de forma mais apropriada, como um surfar, com pouca resistência, se comparada à navegação, e que tudo encontra (informação e produtos) em instantes menores que a duração de um piscar de olho. Freud já se havia questionado em 1921 sobre um ingrediente misterioso na hipnose que se desvia do amor e que busca preservar o sujeito sob o poder absoluto do outro, entregando-se ao sono. Freud (2011b) se refere a uma *servidão enamorada*, uma versão mais acurada da conhecida noção da *servidão voluntária* (LA BOÉTIE, 2017), em que a entrega absoluta ao outro narcotiza a dor, anula e apaga, aparentemente, os traços identitários do sujeito, em favor daqueles que lhe são atribuídos pelo colonizador ou por ideais dominantes, como ocorre em sujeitos submetidos aos preconceitos raciais e misóginos.

Trata-se de um entorpecimento, uma espécie de narcotização da pulsão, na qual a estase originária do gozo da quietude resiste, recusa a se entregar ao abalo da dor da vigília e ao esforço de sentir e pensar que ela exige. Um modo que encontramos no entorpecimento sonante do bebê sobre o seio materno. A resistência ao sinal de angústia ou à ameaça depressiva (perda do espaço de quietude) caracteriza a entrega de jovens a se narcotizar, continuamente, com a maconha e a ficarem plugados, compulsivamente, às redes. O modo mais comum, porém, pelo qual obtemos esse gozo hipnótico com o ganho mágico e onipotente, costurado pelas potentes maquinações algorítmicas, constitui, talvez, a camada primária da autopreservação, assim como a paixão, o reverso narcísico da fascinação pelo outro, tende a nos reservar e “garantir” uma habitação segura e perene no outro ante a vida, ambos a serviço da autoconservação.

Como reverter esse destino funesto e destrutivo da cultura atual e retornar a aproveitar os frutos da linguagem e sua expansão na comunidade e cultura? Freud sempre acreditou na verdade histórica, os aportes do pai morto, em prol da sustentação do luto, o combate à sua recusa e denegação, através da qual a linguagem pode sair vitoriosa. Um trabalho para o qual a psicanálise tem levantado sua voz junto à cultura. Esperamos!

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v. 14.
- FREUD, S. Compêndio de psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 19.
- FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1987.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 2.
- FREUD, S. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v.14.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17.
- FREUD, S. O Eu e o Id. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. v. 16.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. v. 16.

- FREUD, S. O projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. I. (Trabalho original publicado em 1895).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. v. 9.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c. v. 15.
- FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. v. 12.
- GRAEBER, D.; WENGROW, D. *The dawn of everything. A new history of humanity*. London: Penguin Books, 2018.
- LA BOÉTIE, E. *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo: Edipro, 2017.
- WINNICOTT, D. W. Paediatrics and psychiatry. In: WINNICOTT, D. W. *Through paediatrics to psychoanalysis*. Nova York: Basic Books, 1975.